

Sérgio Godinho

# Como se não Houvesse Amanhã

Histórias suicidas

## Voo vida voo



TINHA CAMINHADO, DE PASSO FIRME e saía ao vento, ao longo da ponte, à procura de um rasgão na fina grade que encimava o parapeito. Havia três, à espera de conserto, fruto do desleixo e do «lá iremos».

Era ali. Um dia de sol. Em baixo, o rio de águas rápidas que se acalmaria para a receber. Não pensava em nada, ela que tinha um passado todo para pensar. Ecos felizes, Dora, ecos nefastos — e as razões para ali estar. Não pensava sequer nisso. Era ali. Um buraco na parede do mundo, a varanda à sua mercê.

No momento da rápida decisão já repensada, maturada, foi quando Dora, num lampejo, se apercebeu da presença do medo, o touro louco pronto a investir, o seu medo de tombar e cair, o inevitável, o medo do embate, o medo da água profunda, e do que havia por baixo dela — e de quanto os braços do medo estavam a atarefar-se para a salvar da parede desse outro mundo.

Virou pelo mesmo caminho, sem ímpeto nem responsabilidade. Tinha tempo. Por agora. Um carro da polícia parou ao seu lado, perguntaram-lhe o que fazia ali. Era proibido.

«Enganei-me. Estou a caminho de casa», disse, apontando em frente.

«É longe?»

«Ainda estou para saber.»

Continuou a andar no mesmo passo. Os polícias tomaram-na por uma louca de rua, das que percorrem os passeios com um afinco constante para lugar nenhum. Deixaram-na ir pelo caminho proibido para casa.

Casa foi, e foi estranho. Carregou no interruptor, e a luz principal da sala deu um pequeno estouro. Apagou-se. Dora ficou por um instante, mais longo do que o habitual, a olhar para quase nada, só a frincha brilhante da janela, numa luz amarelada. Depois deixou-se cair no sofá, tenuemente alumiado, noite e dia, pelo pequeno candeeiro a pilhas da mesinha ao lado. A sala, na luz baixa, parecia nesse momento um cenário. A peça tinha sido um pouco triste, nem tragédia nem farsa. E tinha negado a si mesma um terceiro acto glorioso, o do desenlace do conflito e a sua resolução. Não havia por onde aplaudir.



AO FIM DE UMA SEMANA ÀS ESCURAS, estava à procura de emprego. Era fácil? Para uma quase arquitecta? Não sabia.

Tinha sido dispensada há um mês numa contracção de pessoal de um gabinete de arquitectura, e não por falta de competência, isso sabia. Temporária, segundo afirmavam. Mesmo assim doeu-lhe, devia haver uma solução qualquer — negociaria.

Ao cimo da nota oficial de dispensa, o carimbo NAPF de viés, lado esquerdo. Dobrou a folha em quatro e quase lhe apeteceu queimá-la no isqueiro do seu fumo ocasional. Não valia a pena. Para a gaveta.

Desenhadora técnica de formação, adjunta de arquitecto (por um dia, até lugar-tenente), o brio que punha em tudo o que fazia, a constância e a evidente competência — pensou que seria bastante rápido arranjar emprego na sua área. Passado um mês, nada, e depois. Tinha dois meses para procurar. E depois mais nada?

Foi num ameno fim de tarde, bebendo a segunda cerveja à janela, nariz no céu, vendo o avião oscilando de mais ao descer para aterrar, «e se explodisse?», que Dora, num raio súbito, percebeu. Sabia de há muito o que queria dizer a sigla, como é que nunca a tinha ligado à sua situação? NAPF. Pensou que era em inglês? Era português.

«Não Adequado Para a Função».

Estarreceu.

Ela, Dora — não era adequada para a função que desempenhava? Ela, a quem tinha sido prometida uma promoção para daí a três meses, mercê do mérito evidente?

O sangue gelado, no corpo e nos sentimentos, e depois quente e muito quente — de corpo e de sentimentos. Era ela,

a única Dora da casa. Porquê ela, precisamente? Tinha sido assim com a sua colega Eileen, dois anos antes. Despedida inesperadamente. Na altura, nem achou estranho. Ou achou?

Dora tinha ainda quinze dias de trabalho, antes de ter de sair. Ficava por vezes hirta, diante do estirador, sem conseguir saber o que fazer. Nessa manhã, porém, o sangue fervia-lhe. Abriu bruscamente a gaveta do papel dobrado, desembestou pelo corredor, subiu ao andar de cima quase de um passo, até à porta de vidro fosco do arquitecto-mor, o patrão. A nota de despedimento entre os dedos, sob o indicador a infame sigla. NAPF. Ela?

Parou ao ir bater à porta. De dentro vinha uma discussão acalorada e, mais do que isso, desabrida. Até que ouviu, no meio do cruzar das vozes:

«És a puta que eu conheço com a cona mais funda.»

Era o arquitecto, surdamente berrando. Nunca o tinha ouvido falar assim, nem o acharia possível. Ficou parada, de guarda à porta, resistindo a amarrotar o papel na mão, virar costas e desaparecer. Ouvia.

«Sai daqui para fora, ruiva da merda. Andaste a propagar que ainda tinhas um caso comigo, não foi? E que eu tinha sida, mas já não é mortal, é? Não levas nem um cêntimo!»

A mulher praguejou em inglês — e a seguir uma bofetada sonora. Burburinho, blackmail, fuck you, vozes e também gestos, presumiu.

«Grande cabrão! Rompeste-me o lábio!»

Dora bateu à porta, por instinto. De dentro saiu uma mulher despenteada, um seio quase fora da blusa, pequeno

rasto de sangue na boca. Eileen. Olhou Dora de relance, reconheceu-a enquanto desaparecia, lançando-lhe um «good luck» como um mau agoiro.

À sua frente estava o arquitecto, esse de penteado impecável como sempre, ondas de cabelo grisalho, ventre redondo, fralda da camisa solta, e uma camisola de gola alta. No resto, não parecia ele.

«Dora! Que boa ideia teres vindo! Não se pode explicar o inexplicável, não é? Agora tenho de trabalhar. Bye bye.»

Ia a fechar a porta, quando Dora a bloqueou com o pé. Bota de couro duro.

O arquitecto abriu-a de novo, ainda agitado.

«Sim, o que é que queres?»

Dora abriu-lhe o papel.

«Também é bye bye? Este carimbo NAPF é para mim?»

«Deixa-me ver.»

«É para mim?»

«Parece, porquê?»

Sorriu, apertando mais o cinto das calças que lhe escorregavam do fim da barriga.

«Porquê, pergunto eu», disse Dora.

O arquitecto olhou para o papel e depois pô-lo à transparência. Dora não se tinha embrulhado com ele. Até que, mas pronto. Não se pode ter tudo.

«Ah, espera.»

Semicerrou os olhos baços e soletrou de voz velada as quatro letras.

«NAPF. Acho que já sei. Nua no Alpendre a Puta Fode. Sabes o que é um alpendre?»

O tacão da bota dela em cheio no nariz dele. Caiu de costas, desamparado. Agora, era ele que sangrava.

«Outra puta, só me sai disto!»

Bramia, indefeso no chão. De patas para o ar, como o escaravelho do livro.

«Não vais ter nenhuma porra de indemnização», continuava a regurgitar. «Agrediste-me, provo-te isso em tribunal! Estás lixada, vais morrer de fome!»

Dora riu-se. Quem iria morrer de fome era ele, se não se conseguisse levantar. De fome e de sede e sangue no nariz. Pobrezinho. Quase lhe apeteceu agarrar duas ou quatro patas do bicho (finas patas), e ajudá-lo a virar-se. Não o fez. O homem, esbracejante, não merecia. E ela receberia a indemnização, sim. Estava na lei, e eram coisas do sindicato.

Foi a sua última tarde manhã tarde noite, quando era preciso, no atelier que tanto tinha estimado. Despejou para um saco, e depois outro, algumas coisas realmente suas, ou que se tinham tornado suas em usos repetidos, dois blocos cheios de escritos pessoais, algumas contas a pagar em breve, o pequeno relógio de mesa, as três fotos queridas dos seus entes queridos, dois vivos e um morto. Eram seus, como as canetas redundantes que levava. Tudo para arrumar no passado, ou ramos de um próximo ninho? Onde ia armar o próximo ninho?

Sempre tinha sido uma solitária, ainda que de formas só suas. Muito sexo e pouco poiso, ou muita cama e pouco sexo. Equilíbrios precários, com raramente um contraponto, uma pertença. Um corpo a dar à praia, sem ter quem o vá resgatar. E era assim que ali estava, ainda sem emprego e quase sem

vontade. Acabar com a vida e tudo isso, como bem tinha sabido. Ao menos era um projecto. De vida ou do resto.

Foi de propósito à cidade da outra margem, onde tinha crescido, para — ao voltar — perceber, no correr do trânsito, se o buraco na rede ainda ali estava, à espera outra vez do seu dia tão especial. Abrandou e viu que já tinha sido tapado, de maneira tosca, aliás, com uma rede larga e oblíqua. Podiam ter substituído a rede inteira, bem estava precisada.

Mas, em todo o caso, melhor assim. Riu. Não era ainda o seu especial dia.

Na sua sala, só de candeeiro baixo aceso, pensou várias vezes a palavra traição. Surgia-lhe sempre à mente, queria saber porquê. Claro, desde logo porque tinha sido traída pela promessa de promoção, e o rápido despedimento. Além do infame carimbo das quatro letras. Faz-se um carimbo de propósito? Não perdoava isso. Nunca tinha sido negada a sua competência, com o reconhecimento inerente. Mas queria saber mais.

Foi quando Dora se lembrou do que, na verdade, nunca tinha ficado esquecido. No saco misturado das memórias há sempre uma história suja. Calha a todos. Afunda-se a mão e a ver o que nos sai. Houve um dia de Verão, quase no início do emprego, em que foi apalpada pelo arquitecto, encostada pela barriga à parede do corredor. Pouco resistiu às mãos estranhamente frias, apenas virou a cabeça quando ele a tentou beijar, de cara suada. Houve um colega que parou ao fundo do corredor, viu e retrocedeu. Hábito ou pudor?

Para surpresa sua, achava, o ataque não se repetiu. Mas tinha sido marcada, e a ferro quente. Mão nas mamas e dedos procurando a vulva. E, no entanto, depois da humilhação acabou por desculpá-lo — talvez tivesse sido apenas um dia mau. Porquê, por receio de perder o emprego que tanto lhe agradava, e que lhe pagava as contas e bastante mais? Ou porque não queria destruir perante si a boa imagem do arquitecto, homem afável, bonito e, para mais, bom líder, sabedor do assunto e bom a partilhá-lo? Fosse como fosse, o episódio nunca foi falado entre eles, fora varrido para debaixo do tapete, sem ela própria, ao que parecia, se dar conta da vergonha.

E, agora que esvaziava a casa, reaparecera sem aviso, no soalho sujo e nu, antes escondido pelo tapete. No meio do pó, lia-se a palavra. NAPF, o nome da traição. Numa folha de despedimento, e um carimbo infame a ornamentá-lo. Traição era uma palavra fácil de pronunciar, mas sempre de agrestes consequências. Uma palavra de morte, sobretudo para quem a morte era «desde logo uma traição à vida» — palavras do arquitecto.

A partir desse dia, os fios da razão enrolaram-se e enroscaram-se numa crescente dissonância — traição, vingança, morte. As três no mesmo novelo. Um denso e maligno novelo.

Que morte era essa, que vingança? Morria o arquitecto, ou morria ela, por razão do arquitecto? Faltava o espaço para os dois. Em qualquer caso, um homicídio doloso. E, se o suicídio fosse o tal «homicídio de si mesmo», teria as contas saldadas com a culpa, ou adensá-las-ia?

Viver é fácil, basta passar da noite para o dia, e depois de um ano para o seguinte. Todas as promessas se fazem, e há até expectativas que acabam por se cumprir. Dora podia viver ainda mais de um ano com a sua indemnização, se não se alargasse nos gastos. Permitiria a si mesma, no entanto, algumas parcimoniosas extravagâncias. Como, por exemplo.



POR EXEMPLO, QUATRO DIAS NUM HOTEL à beira-mar. Uma promoção oportuna. Com piscina ampla e spa, e um fácil acesso à praia, uns quantos degraus e um tapete de madeira areia adentro. E varandas lançadas sobre o oceano.

Podia ter falhado a vida, mas, por uma vez, não falharia o vero momento da morte. A morte de quem, não sabia. Mas sabia uma coisa: a assinatura daquele hotel era adequadamente do seu arquitecto-mor. Uma das suas primeiras obras marcantes — aquele mergulho sobre o mar.

No primeiro dia tinha ficado atónita ao ir à varanda, lançada por cima já do vazio da terra. Era orgulho e chamariz daquele hotel ter os seus quartos com varandas por cima do mar — literalmente, «na horizontal e na vertical», como tinha sublinhado uma rádio local. Um arrojo de arquitecto, na opinião quase unânime da crítica, da autarquia e do povo em geral, que recomendou o hotel a quem o não conhecia, com benefício para o comércio, sobretudo de restaurantes e lojas de bugigangas, marítimas e terrenas.

Dora tinha-lhe telefonado uns dias antes para um número entretanto inerte. Perguntou ao ex-colega que tinha entrado um dia por acaso, e dado com a barriga dum homem a encostá-la à parede do corredor, se tinha o número actual do «dito cujo» — nome com que crismavam o patrão-mor. Tinha. E Dora telefonou, de novo sem sucesso. Desta vez, desta vez pelo menos, pediam para deixar uma mensagem. Não deixou, mas notou que era um avanço. Reconhecia-se a voz espessa do arquitecto.

E à terceira tentativa a sua voz atendeu. Fim da tarde, talvez já um pouco bebido, como era seu costume quando chegava a casa, em dias correntes.

«Desculpe, quem me fala a esta hora?»

«Eu é que peço desculpa, são sete e meia. Pensei que podia.»

«Podia mas não pode.»

Ia desligar.

«Sou a Dora.»

«Dora?»

«Sim, a quase arquitecta Dora. Achei que era boa ideia telefonar-lhe. É tarde?»

Um silêncio e um pequeno riso.

«Pensei que estavas de relações cortadas comigo.»

Era a vez de Dora jogar.

«Vou tratá-lo também por tu, se não se importa. Bom, adivinha a que antro de luxo eu vim parar.»

«Estás a dizer o quê?»

«Estou a dizer o quê. Tem as varandas lançadas sobre o mar, diz o site e é verdade. Reconheces?»

Agora uma gargalhada do arquitecto.

«O meu primeiro hotel. É mais do que um afilhado!»

Comprazia-se, e quase perdia o fio à conversa. Que fazia ela ali?

«Estás aí com alguém?»

Dora agradecia a pergunta dele.

«Não, não estou com ninguém. Estou só comigo mesma e às vezes com os outros, e agora tu dizes-me se está bem assim.»

Uma conversa com pólos indistintos. Também ela tinha bebido.

«Eu acho que está mal assim, ficas aí quantos dias, quatro? É a promoção?»

«Quatro, sim.»

Houve um resfôlgar do arquitecto.

«Dora, a mulher que se adora! Se calhar já te disseram isto.»

«Quatro vezes. Ou mais.»

«Quatro vezes, olha a sincronia! Dora, não achas que ficámos a meio caminho de qualquer coisa?»

Que forma tão expedita de resolver um assunto, pensou Dora. A primeira metade tinha sido de mão na mama e dedos em busca da vulva. Grandes expectativas para a segunda parte.

Mas agradecia o suscitar da conversa. Ia ser-lhe útil.

«Sabes, tenho pensado nisso, às vezes até sem me dar conta. Não estou zangada, estive muito, aquela coisa do NAPF ou lá o que é, e agora já não, sabes, a vida muda.»

Respirou alto.

«Estou aqui, a olhar para o horizonte e para o tal “vazio sobre o mar” de que tanto falam. E ainda mais sinto que nos falta só o que não houve.»

«Estás inspirada», dizia a si mesma. Diálogo cliché de um filme mau — mas talvez o arquitecto gostasse de maus filmes. Frase seguinte do arquitecto:

«Vou buscar gelo.»

E logo depois:

«Nada de simbólico. É para o whisky. Já te ligo.»

Dora esperou. «O que é que eu estou a fazer?» Que plano estava a seguir, uma necessária vindicta, lançar assim o isco ao patrão-mor? E com que consequência? Quando ele ligou de novo, Dora atalhou e, num respiro fundo, deu o enorme salto.

«Patrãozinho, vamos lá a ver uma coisa. Nós fazemos as casas para as pessoas, não é verdade?»

«É verdade.»

«E tiveste aulas práticas? Ou seja, dormiste alguma vez no teu querido hotel de baptismo?»

O arquitecto riu-se.

«Bem pensado.»

«E então?»

«E então, nunca. É uma falha.»

«Ora aí está, é uma falha, sim. Mas que pode ser colmatada com uma prenda, uma pechincha que acho que mereces. Explico. Eu tive uma oferta de quatro noites, não é? Então, partilho a última contigo num quarto que tu mesmo imaginaste. Queres melhor coisa?»

Pequeno riso dele.

«Tenho de pensar se há melhor coisa.»

«Não há.»

«Não sei.»

Dora sorriu. Todo o filme num telefonema.

«Repara que, se não quiseses, não levo a mal nem há rancores. A sério. Apesar de tudo, fomos e somos amigos. É o que mais interessa.»

O isco lasso. Larga o peixe para o enganchar mais adiante.

Um silêncio fundo do arquitecto.

«Amanhã ligo-te. Olha, és linda.»

«Ainda bem que achas.»

A frase mais oca da noite, pensou Dora. Porque é que ainda bem que achava? Não achava nem deixava de achar. A tolice no centro da sala.

Desligaram os dois, até amanhã.

Dora dormiu de um sono contínuo e pesado, janela aberta para o mar. De manhã, último sonho já quase acordada, viu-se a vaziar todo o sangue de uma vítima qualquer e a jorrá-lo no oceano. Depressa o vermelho se faria fúcsia, verde-azul, branco e azul como as ondas do mar. Ainda deitada na cama, pensou «matei este homem, mas agora quero matá-lo mesmo. Um só de nós deve estar vivo». O punhal da traição ataca o peito todo do traidor.

No dia seguinte, chegada da praia, nua antes do duche, o telefone do quarto tocou.

«Boa tarde, minha senhora. Vou passar-lhe o senhor arquitecto.»

«O patrão-mor?»

«Perdão?»

«Nada. Passe.»

A voz densa tão reconhecível, dos dias bons e dias maus.

«Estou aqui na recepção. Estás boa?»

Estava nua, pensou numa ironia. Que é que ele quer, subir? Agora? Antes de lavar o sal da pele?

«Estou boa. E então? Estás aqui hoje, porquê?»

Quase disse, vieste engatar a rapariga boa da recepção?  
A das madeixas?

«Queres descer e beber um copo no bar? Na esplanada?»

Claro que sim, pensou.

«Claro que sim. Dá-me dez minutos.»

«Quinze.»

«Dez.»

Não foram dez mas foram doze. De qualquer forma, ninguém os contava.

O encontro pareceu-lhes natural. Como é que estás, estou bem e tu, estás com um belo bronze, foram só dois dias, eu quem me dera, e depois, parece que nos vimos ontem, disse um dos dois.

«Queres beber o quê?»

«Estou cheia de sede. Vim da praia.»

«E então?»

«Cerveja.»

E, para ele, um gin tónico.

«Duplo. Vocês vendem as bebidas pela metade. Tenho de me ir queixar ao gerente.»

«Senhor arquitecto, vai ser muito bem servido.»

«Sim, mas eu não sou só eu, são os clientes. Percebe?»

O empregado do bar não percebia, mas foi buscar as bebidas.

«É difícil imaginar onde isto acaba, não é?»

O arquitecto falava do oceano, olhando para o horizonte e para o gin tónico. Estava uma bela tarde, de Verão firme. Nenhum dos dois devia nada um ao outro.

«Estás a dizer, o mar? Nunca acaba.»

E o arquitecto:

«Acaba do outro lado. E começa onde a gente quiser.»

Sim, a tarde estava quente e morna. Pelo menos isso. Dora terminou a cerveja ainda fresca. O que era o momento presente?

«Onde a gente quiser? Não era no quarto dia?»

Riso dele.

«O quarto do quarto dia, não é? A que horas?»

Dora olhou para trás e chamou o empregado.

«Acho que vou passar ao gin tónico. E tu, queres?»

«Sim, são mais dois.»

E depois, para Dora:

«Gin tónico é o que dá melhor com um fim de tarde em frente ao mar. Aliás, aqui os quartos têm todos varanda para o mar. Na parte de trás não se passa nada, é só do outro lado. O horizonte merece.»

Também o arquitecto se sentia inspirado. A frase da promoção devia ser do género «O horizonte merece um hotel assim.» Iria recomendar.

E ele próprio merecia tudo isso e muito mais. Com Dora ao lado, uma bela mulher, bebendo do mesmo que ele, sentiu o que se tornava evidente, que era uma atracção inesperada. E fora ela quem a tinha suscitado no momento da oferta do quarto partilhado do último dia. O hotel enfim seu.

«Número do quarto, 409. Apareces por volta das dez e meia, onze? Da noite, claro. De manhã, estou na praia», disse ela ao despedir-se. Mais explícito não há.

Dora pensando na palavra «imponderável». Nem essa era segura, mas desde quando é que a realidade tem de ser segura?

Jantou comidas leves numa mesinha junto ao bar, um abacate recheado com minicamarões, e um pouco de molho cocktail. Certo. E um queijo de cabra aquecido no forno, com uma fatia de pão tostado por baixo e umas folhas de alface, pouco atraentes mas comestíveis. Também certo. E depois subiu ao quarto. Mandou vir uma garrafa de gin, uma garrafa grande de água tónica, limão em rodela, e gelo, gelo.

Fez-se ainda mais bonita, disse a vaidade ao espelho, a pequena vaidade. Escova de cabelo e um toque de rímel. Depois repetiu em voz alta poemas que sabia desde que se lembrava, «batem leve, levemente, como quem chama por mim», e «no plaino abandonado, que a morna brisa aquece», o menino de sua mãe, e o que houvesse. Maneira de compor a cabeça, de dar posse ao seu melhor. Mais tarde sonharia com

os abutres pairando sobre o seu corpo. Jaz morto e apetece, o menino de sua mãe. Apenas mais um sonho, nem sequer um pesadelo.

Quando o arquitecto bateu à porta, onze em ponto, sentiu que estava já dentro de outro filme. A ela cabia-lhe orientar a personagem, imersa numa noite de insólito amor. Sabia que ia ter sexo com um conhecido que pouco conhecia, esquecendo os avanços infames do antigo patrão-mor. Fazia parte da sua personagem.

Seguiria os trâmites da sedução, conversa copos conversa, a intimidade crescente, beijos súbitos e carícias hesitantes, até acabarem na cama, como ambos sabiam. O sexo ia dar trabalho (dispensava os dedos na vulva), e teria também os seus trilhos habituais, os seus repousos, a tal intimidade crescente, poucas palavras da sua parte, e subitamente o corpo vibrante, até chegarem ao ponto finito do orgasmo. Aí, cravar a faca. No cimo das costas, abaixo da nuca, alvo directo ao coração. Um filme, de argumento infalível — e de há muito um ímpeto a querer soltar-se. Sentiu-se forte, de antemão justificada. Seria assim o culminar do plano há uns dias arquitectado. Expressão adequada.

Mas, entretanto, o desmanchar dos equívocos. Cedo ainda percebeu que, por todo o corpo, lhe estava a dar prazer. A amar o sexo com ele — ele empenhado e atento — e isso era surpreendente. E mais, perturbante. A misturar sexo com amor, e ainda por cima, sem ânsias nem evidentes reservas. Apenas o desfrutar de dois corpos. Não era suposto.